AS SIMILARIDADES ESTÉTICAS E POLÍTICAS ENTRE AS JORNADAS DE JUNHO E AS OCUPAÇÕES DE ESCOLA DO RIO DE JANEIRO

Mariana Santos Reis

RESUMO

O presente artigo apresenta no seu recorte empírico, as similaridades políticas e estéticas apresentadas nas ocupações de escola e "Jornadas de Junho". Deste modo, o estudo lança luz às práticas pedagógicas apresentadas nestas instituições ocupadas no ano de 2016, considerando suas aproximações com os atos de "Junho de 2013" bem como o ineditismo de suas metodologias políticas e estéticas abertas, dialógicas e plurais. Na primeira seção, o estudo apresentou um breve histórico do movimento de ocupações no Rio de Janeiro Na segunda seção, interpreto as aproximações e diferenças dos dois movimentos de caráter predominantemente autonomista e os novos códigos de mobilização e participação política nestes movimentos. Na terceira seção, narro algumas vivências pedagógicas desta pesquisa como professora apoiadora com os ocupantes de escola a partir da experiência em rodas de conversa que ministrei. Em suma, esta pesquisa procurou evidenciar novos códigos, corporiedades e estética educacional a partir das vivências ocupações, considerando as experiência das "Jornadas de Junho" como inspiradoras para esta luta política.

PALAVRAS- CHAVE

Ocupações de escola, Jornadas de Junho, Estudantes, Educação pública.

ABSTRACT

This article presents, in its empirical focus, I its empirical focus, the political and aesthetic similarities presented in the school occupations and "June Jorney". In this way, the study sheds light on the pedagogical practices presented in these

instituicions occupied in 2016, considering their similarities with the acts of" June 2013" as well as the novelty of their open, dialogical and plural political and aesthetic methodologies. In the first section, the study presented a brief history of the occupation movement in Rio de Janeiro. In the second section, I interpret the similarities and differences between the two predominantly autonomist movements and the new codes of mobilization ad political participation in these movements. In the third section, I narrate some pedagogical experiences from this research as a supportive teacher with school occupants based on the experience in conversation circles that I taugh. In short, this research sought to highlight new codes, embodiments and education aesthetics based on the experiences of occupations, considering the experiences of the " June Jorney" as inspiring for the political struggle.

KEYWORDS
School occupations, June Jorney, Students, Public education.

Introdução

Na letra da composição música da música "Amarelo" de autoria do cantor Emicida, a frase: "*A meta é deixar sem chão quem riu de nóis sem teto*" visibiliza na sua mensagem metafórica, a bravura e ineditismo da concepção do movimento das ocupações de escola nos anos de 2015 e 2016 no Brasil. Os atores sociais envolvidos no ato de ocupar instituições escolares denunciaram não somente as condições de sucateamento educacional como desafiaram o Poder Público e instituições governamentais através da sua atuação política de caráter autonomista.

O perfil de estudantes ocupantes de escola que aderiu este movimento regulou na faixa etária entre 12 a 20 anos mais ou menos, abrangendo alunos na faixa etária da pré adolescência até o início da juventude. Segundo o Estatuto da criança e Adolescente, são considerados "jovens", pessoas com idade de 15 a 29 anos.

"Juventude" vem sido uma categoria evidenciada nos últimos anos seja pela mídia burguesa ou através da implementação das próprias políticas públicas como um grupo social apático aos acontecimentos contemporâneo, conflituoso ao se relacionar com as demandas cotidianas da vida da população.

Há cerca de 10 anos atrás, as mobilizações tiveram um protagonismo significativo da juventude nas chamadas "Jornadas de Junho" de 2013 em todo país, embora estas mobilizações tenham sido compostas por uma "fauna ideológica"

muito diversificada no sentido da intenção política dos sujeitos ocupando as ruas, o "pontapé" inicial de atuação foi realizado pelo MPL(Movimento Passe Livre).

Tal grupo político composto por maioria esmagadora de jovens, liderou inicialmente as primeiras mobilizações reivindicando-se, contrário ao aumento da tarifa dos transportes públicos no país e aos abusivos gastos públicos destinados ao evento da Copa do Mundo realizado no Brasil em 2014.

Já no final do ano de 2015, especificamente no mês de novembro, evidenciaram- se novas situações inéditas ocorridas no cenário político, provocando algumas problematizações em diversos atores sociais conectados aos assuntos das políticas públicas da educação e sociedade civil em geral. O protagonismo juvenil neste momento abriu margem para se repensar a cristalização de uma visão da juventude brasileira contemporânea construída por um grupo da sociedade que os analisam enquanto coadjuvante ou passivos na participação política brasileira.

O movimento de ocupações de escola originou-se no país em novembro de 2015, no estado de São Paulo, com a medida governamental de Geraldo Alckmin denominada "reorganização escolar", apresentada pelo Secretário de Educação Herman Voorwald. As justificativas que acompanhavam a proposta política estavam relacionadas à suposta melhoria da qualidade do ensino, reduzindo grande parte das escolas a um ciclo único, decretando, assim, o fechamento de muitas instituições escolares.

Cinco meses depois, esse cenário se repetiria no estado do Rio de Janeiro. Inspiradas no movimento "Não feche minha escola" do estado de São Paulo, o movimento de ocupações do Rio de Janeiro ganhava, paulatinamente, adesão da sociedade civil e de vários apoiadores ligados a setores da educação, cultura e política. No auge do processo de ocupação, havia cerca de 80 escolas ocupadas no estado do Rio de Janeiro.

O Colégio Mendes de Moraes, localizado no bairro da Freguesia, na Ilha do Governador, foi ocupado no dia 21 de março de 2016, por cerca de 50 estudantes grevistas. As principais reivindicações dos secundaristas, somando-se à luta dos professores, consistiam em condições de infraestrutura dignas, reforma curricular no Ensino Médio, valorização do magistério e gestão democrática que, em linhas gerais, representava o processo de eleição de diretores nas instituições. O quantitativo inicial de professores grevistas no momento inicial da greve era em torno de 70%, aumentando gradualmente conforme a continuidade do movimento. Uma semana depois, o processo de ocupações propagava-se por várias escolas, a maioria localizada na Zona Norte da cidade.

Criou-se, ao longo do processo, uma rede de solidariedade em que muitos atores sociais internos e externos às instituições apoiaram, de forma significativa, algumas escolas ocupadas recebendo pessoas externas adeptas ao movimento. Estes indivíduos por sua vez, ajudaram através da doação de produtos de alimentação, higiene pessoal e limpeza, ministrando aulas de disciplinas de modo mais informal ou suscitando debates com temáticas geralmente relacionadas aos direitos humanos e à conjuntura política.

Nesta propagação das redes de apoio das pessoas, observava-se também uma certa "desigualdade" no oferecimento de atividades. Escolas da Zona Sul, próximas ao metrô ou de grande porte, dispunham de inúmeros profissionais e apoiadores voluntários, enquanto que, nas escolas próximas a áreas periféricas, os apoiadores resumiam-se às pessoas que tinham um vínculo afetivo ou profissional com elas. Muitas vezes, tais atores, oriundos de escolas mais periféricas, multiplicavam essa rede de apoio através do engajamento de outros educadores, ao sensibilizarem-se com a luta dos estudantes.

Esse modelo de articulação de atividades inovador e autogestionário traduzia-se também de forma horizontal, na escolha das atividades pedagógicas diárias, fator que rompia, muitas vezes, com a padronização de aulas propedêuticas limitadas a transmitirem conteúdos pouco estimulantes na vida acadêmica dos educandos.

Realizaram-se também diversas oficinas não convencionais ou nunca ofertadas por profissionais numa instituição estadual, como corpo e movimento, fotografia, culinária, atividades circenses, filmagem, dentre outras. Tais ofertas de ações pedagógicas criativas evidenciam a necessidade da construção de um currículo significativo articulado à realidade do aluno e da idealização de uma estrutura física que propicie o envolvimento dos educandos em intervenções pedagógicas lúdicas, transformadoras e criativas.

Os estudantes visibilizavam as ações políticas e cotidianas deste espaço através das páginas de Facebook criadas para os espaços de ocupação, representadas pelos hastags que "apelidavam' escolas estaduais como Gomes Freire de #OcupaGomes, Mendes de Moraes de #OcupaMendes, Visconde de Cairu de #Ocupa Cairu, entre tantas outras ocupações que também possuíam este espaço de comunicação.

As publicações das páginas relacionavam se a assuntos como informativos da conjuntura política da política educacional do Estado do Rio de Janeiro, avisos da dinâmica cotidiana da escola (multirão de limpeza, produção de cartazes, alimentação, calendário de atividades da semana), oficinas, eventos que aconteceram ou solicitação de pessoas dispostas a ceder outras oficinas, aulas ou doa-

ções de alimentos, materiais higiene ou cobertores e compartilhamento de notas de apoio a outras ocupações de escola ou reivindicações dos profissionais de educação na luta em defesa da escola pública.

A configuração das raízes desse movimento de escolas ocupadas no estado do Rio de Janeiro chamou a atenção da mídia, operando, muitas vezes, com edições de matérias tendenciosas que não refletiam a realidade cotidiana da organização dessas ocupações. Havia também o esforço de intelectuais do campo da educação no ambiente acadêmico, em especial nas linhas de pesquisa relacionadas aos estudos de políticas públicas na Educação e currículo, nas principais universidades públicas do estado, em tentar compreender a origem e os desdobramentos desse fato inédito nas lutas em defesa da educação pública.

Códigos e estética das "Jornadas de Junho" no contexto das ocupações de escola do Rio de Janeiro:

> O futuro será a conseqüência do presente,
> Parasita hoje, um coitado amanhã.
> Corrida hoje, vitória amanhã.
> Eu vou que vou, vou com fé, vou com determinação.
> Sangue nos olhos do caminho de evolução.
> (Racionais MC)



Figura 1: Alunos do "Ocupa Compositor" organizando as atividades pedagógicas diárias na ocupação.
Fonte: https://www.facebook.com/ocupacompositor?mibextid=ZbWKwL

As Jornadas de Junho de 2013 promoveram outras formas de construções de informações bem como diferentes alternativas de mobilização e performances na luta política.Um elemento definidor destas novas ferramentas e constituição estética foi a reinvenção dos códigos de mobilização através da rede social.A articulação de páginas como Facebook e outras mídias, mobilizando para os atos de várias capitais convergiu para o chamado **midiativismo.**

Segundo Aguiar e Rodrigues (2017, p.2), a perda do monopólio na veiculação das notícias por parte da grande mídia ficou exposto na eclosão das manifestações de junho com a emergência de uma nova forma de narrar os acontecimentos, propiciando um ambiente favorável à interação de uma forma de produção. Iniciada com coberturas em tempo real de manifestações, essas coberturas midiativistas começaram a narrar o fato a partir do ponto dos manifestantes, através de *smartphones* e acesso 3G, que transmitia ao vivo uma publicação simultânea.

Logo, após a existência e visibilidade da rede Mídia Ninja, novos coletivos começaram a existir atrelados a novas configurações de rede (Aguiar; Rodrigues, 2017, p.2). Com o passar do tempo, essas redes ampliaram suas pautas, fazendo coberturas referentes aos direitos humanos, diversidade étnica, cultura, política, meio ambiente e movimentos de juventude.

A inclinação ideológica predominante nestas redes midiativistas possuía cunho autonomista e em algumas circunstâncias, anarquista. Grande parte do movimento de ocupações de escola também se identificava como autônomo na maioria das instituições ocupadas, o que de certa forma facilitou uma aderência dos ocupantes a uma rede de apoio formada por estes midiativistas e outros militantes solidários.

As publicações das páginas relacionavam-se a assuntos como informativos da conjuntura política educacional do estado do Rio de Janeiro, avisos da dinâmica cotidiana da escola – mutirão de limpeza, produção de cartazes, alimentação, calendário de atividades da semana, etc. – oficinas e eventos, solicitação de pessoas dispostas a ceder oficinas, aulas, ou doações de alimentos, materiais de higiene e cobertores, compartilhamento de notas de apoio a outras ocupações de escola e reivindicações dos profissionais de educação na luta em defesa da escola pública.

Outro movimento que mobilizou, inicialmente os jovens e, depois, a população, em geral, utilizando a convocatória das redes sociais, foi as Jornadas de Junho de 2013. As convocações tradicionais realizadas por assembléias ou

reuniões políticas unificadas, cederam espaço para a articulação por páginas do *Facebook, Twitter, Instragram, Youtube* e outras mídias alternativas que surgiram convocando a população para os futuros atos nas capitais de todo o país. Tais metodologias de convocatórias, por rede social, lançaram certo ineditismo na forma de organização do movimento.

O uso frequente de celulares na vida social do brasileiro, acessando as redes, em relação aos anos anteriores e, também, nas manifestações, se constituiu em um elemento diferencial importantíssimo, pois facilitou a articulação entre as pessoas e ações dos movimentos.

Incorporou-se uma dimensão de organizar-se politicamente, que aparentemente se pretendeu ser horizontal, na tentativa de ressignificar formas de organização e mobilização dos movimentos sociais, que se fortalecem até os dias atuais. Foram verificadas mudanças, como convocações de atos realizadas pelas redes sociais, e não por entidades sindicais; abolição de carros de som ou falas de representações políticas em microfone, dando lugar a performances e cartazes individuais; e a desvinculação da centralização de lideranças políticas nos atos.

Esta nova forma de construção de movimento social incorporou práticas de experimentações apresentam ações estético-políticas que representavam a ruptura de uma forma de organização da política tradicional, cristã, heterossexual, personalista e consonante com os códigos da branquitude[1] da sociedade.

Ranciere (1996, p.54 apud Araujo e Santo 2021, p.92) em seus estudos referencia a dimensão estética na política como algo incontrolável e proveniente das pessoas ressantando que:

A política não se tornou estética ou espetacular recentemente.. Ela é estética desde o início, na medida em que é um modo de determinação do sensível, uma divisão dos espaços – reais e simbólicos – destinados a essa ou aquela ocupação, uma forma de visibilidade e dizibilidade do que é próprio e do que é comum. Esta mesma forma supõe uma divisão entre o que é e o que não é visível, entre o que pertence à ordem do discurso e o que depende do simples ruído dos corpos. (RANCIERE, 1996, p. 54)

1 Segundo Lia Schucman (2012), a branquitude é uma racialidade construída sóciohistoricamente como uma ficção da superioridade, produzindo e legitimando a violência policial contra grupos sociais não brancos e beneficiando pessoas brancas a privilégios materiais e simbólicos.

Neste sentido, ao romper com o modelo de política cristalizado, estático e pouco participativo, elucida-se uma forma de visibilidade e dizibilidade. Desta maneira, abriu-se espaço para outras formas de expressão, nas quais o espaço público da rua se traduzia na possibilidade de meios supostos como mais dialógicos e democráticos para as reivindicações políticas dos indivíduos.

Há várias interpretações, no campo teórico e político, sob os aspectos que representaram essa ebulição de sucessivas manifestações no período das Jornadas de Junho de 2013. Algumas representações políticas ou pesquisadores afirmam ter sido o momento de questionamento à falta de representatividade e proposição de outras organizações políticas em relação ao conjunto populacional.

David Harvey (2015) analisa que, a partir desses contextos ativistas, estariam despertando uma "revolta urbana", buscando melhores condições de vida na cidade. Para o autor, a urbanização tem se constituído num sítio infindável de acumulação do capital que administra formas de barbárie e violência sobre populações inteiras em nome do lucro. Assim, as revoltas urbanas surgem neste contexto, frente a uma lógica de movimento de *ethos* "faça você mesmo", em que muitos grupos sociais marginalizados criam alianças com movimentos sociais, buscando melhores condições de vida no espaço urbano.

Por outro lado, Marilena Chauí (2013) traz apontamentos que elucidam o despertar de movimentos oriundos de uma classe média conservadora. Segundo a filósofa, muitos manifestantes reproduziram a mensagem ideológica de que as organizações partidárias são corruptas por essência. Esse sentimento, além de esvaziar o sentido político da pluralidade dos movimentos nas lutas, contribuiu, segundo a autora, para se reforçar o sentido distorcido da "ética", difundido pelos veículos de comunicação tradicional.

Identifico, no processo desses dois movimentos (Jornadas de Junho e Ocupações de escola), similaridades quanto a uma suposta negação de institucionalização da luta política por meio de organizações tradicionais e contraposição ao modelo instrumentalizador de se "construir política". Embora as ocupações de escola ainda mantivessem a defesa de lideranças pouco centralizadoras e um caráter autônomo na sua auto-organização, as relações estabelecidas com outras organizações eram aparentemente harmônicas, tornando-se, assim, um movimento aglutinador. No entanto, tanto as Jornadas quanto as Ocupações de escola seguem defendendo a ampliação da pauta, articulando demandas específicas de outros grupos.

Em minha compreensão, os atos de "junho" aproximam-se do movimento das ocupações de escola ao identificar conexões na defesa da horizontalidade,

ausência de atuação central dos partidos, importância da mobilização nas redes sociais e nas formas de atuação política. Além disso, estudantes tão jovens que compuseram os dois movimentos, possivelmente, tiveram suas primeiras experiências no ativismo político ao se mobilizarem por demandas sociais da população. No entanto, há diferentes interpretações dos atores sociais que se inseriram nas ocupações políticas sobre possíveis influências políticas anteriores que impulsionaram essa identificação militante.

Entendo que seria uma análise superficial atribuir a continuidade entre a atuação dos jovens das Jornadas de Junho de 2013 e os estudantes das ocupações, uma vez que os movimentos são constituídos por sua contingência.

Em suma, a motivação dos caminhos desta pesquisa surge a partir da aproximação com o processo das ocupações de escola enquanto apoiadora destas redes de solidariedade. Compreendo que o movimento de ocupações questionava o conjunto de políticas curriculares vigente na rede estadual, disputando os sentidos de qualidade na educação. Nessa circunstância, que ainda não configurava uma investigação empírica com coleta de informações sistemáticas, foi possível observar que essas instituições ocupadas reivindicam suas demandas educacionais e curriculares iniciais, que posteriormente iam equivalendo-se as outras demandas de outras instituições ocupadas ou movimentos de educação.

Experiências pedagógicas horizontalizadas e novos pensamentos sobre corporeidades às ocupações de escola.



Figura 2: Espetáculo "Preto sem preconceito sendo apresentado para os estudantes no "Ocupa Mendes". Fonte: https://www.facebook.com/OcupaMendes?mibextid=ZbWKwL

Esta seção relata algumas experiências vivenciadas em algumas rodas de conversas e aulas ministradas por mim nas ocupações de escola da cidade do Rio de Janeiro em 2016.Foram organizadas ao longo do processo deste movimento, diversas programações metodológicas tendo a autora do presente artigo, participado ativamente de atividades interligadas a temática de Direitos Humanos tais como: "aulões" de Redação com foco na temática do Enem 2015 "Persitência da violência a mulher" e as rodas de conversa abordando assuntos como: "Criminalização da juventude negra e pobre" / "Feminismo interseccional" e "Músicas da MPB do Período da Ditadura Militar".

Ao todo, cerca de 10 escolas[2] em que tive a oportunidade de realizar atividades que se somavam a dinâmica cotidiana das operações. A grade de atividades era organizada semanalmente pelos "ocupantes" de acordo com as atividades realizadas por apoiadores do movimento que ofereciam suas oficinas, aulas ou rodas de anteriormente por meio de visitas às ocupações ou páginas da internet responsáveis por grande parte da mobilização externa e publicização de informes cotidianos sobre o movimento.

Especificamente, foi perceptível observar que a dinâmica pedagógica da organização das rodas de conversa foi uma das mais desenvolvidas nas escolas ocupadas visitadas. Embora não haja indícios mais concretos que evidenciem a razão da predominância na escolha desta atividade em grande parte destas ocupações, uma possível análise me permite constatar que as rodas apresentam características pedagógicas potencializadoras de relações horizontais e novas corporiedades entre os atores envolvidos, bem como a capacidade da formação do pensamento crítico dos sujeitos .

Reunir em roda é poder romper com a lógica padronizada, eurocentrica e cartesiana da instituição escolar. A filosofia africana "Ubuntu" utiliza a idéia da organização das rodas, remetendo a idéia da coletividade através da construção do "nós".Assim, Noguera (2012) ressalta em seus estudos que o termo "Ubuntu"

[2] As instituições estaduais em que ministrei os chamados "aulões" de Preparação para o Enem com foco final de abordagem na questão da "Persistência da violência a mulher" foram nas Escolas Estaduais: Chico Anysio, Compositor Luiz Carlos da Vila, Gomes Freire e André Monroi(única escola da área da Zona Sul visitada por mim).Ministrei o "aulão" referente a "Músicas da MPB na Ditadura Militar" em apenas uma instituição, a Escola Estadual Mendes de Moraes. As rodas de conversa foram realizadas em 6 escolas visitadas, tendo abordado a temática relativa Feminismo Interseccional nas Escolas Estaduais: Souza Aguiar, Visconde de Cairu, Paulo Freire, Clovis Monteiro e a temática relativa a "Criminalização da juventude negra e pobre"nas Escolas Estaduais Paulo Freire e Compositor, nas quais já havia realizado atividade.

pode ser entendido como uma ética comum entre todos, propiciando um ritmo harmonioso na busca do reconhecimento e valorização do território.

Em debates relativos a " Feminismo Interseccional", a autora mediava conversas relativas a questões de padrões sexistas impostos durante a socialização humana desde o nascimento das pessoas perpassando a vida escolar até a sua inserção mais amadurecida nas relações afetivas na adolescência. Em seguida, a mesma contextualizava no debate, as lutas históricas das mulheres no mundo e evidenciava o equívoco em se universalizar a categoria "mulher", sem considerar significativamente as intersecções que particularizam as reivindicações de determinados grupos de mulheres diante dos diferentes aspectos de segregação social existentes no mundo real.

Numa destas vivências da autora com as ocupantes, foi relatado por uma das alunas negras, a importância de ter participado na ocupação de uma das oficinas de turbante como elemento mobilizador da auto afirmação da sua identidade negra e reconhecimento das pautas relativas ao movimento negro:

O uso de turbantes que era uma coisa que me bloqueava muito, na ocupação eu tive... Eu me senti muito livre e até hoje sabe? Eu comecei a usar turbante por conta da ocupação. Eu comecei a me empoderar, me aceitar mais como mulher negra. Reconhecer minha beleza é por acesso a esses debates. E hoje a gente tem coletivos dentro do colégio. Hoje a gente tem mais acesso a esses temas, mais informação e por mais que muitas pautas assim não foram atendidas a gente conseguiu uma mudança. É... Hoje o colégio ele tá mais aberto a isso (Viviane).[3]

Em sua fala, Viviane enfatiza a ideia de pertencimento ao usar o turbante pela primeira vez na oficina ministrada na ocupação. A mesma ressalta um bloqueio inicial impedindo-a de utilizar o adereço devido a imposição de códigos estéticos provenientes da supremacia branca. Deste modo, Viviane vem a transgredir os padrões eurocêntricos se contrapondo a uma estética universal legitimada. Deste modo, a ocupação de escola foi interpretada pela mesma como um "espaço seguro" que lhe propiciou pertencimento.

Outro elemento norteador desta temática é o acesso ao debate das pautas negritude nas metodologias (roda de conversa ou aulas-debate) levantados neste

[3] As entrevistas foram realizadas com os ex ocupantes em 2019, três anos após as ocupações de escola terem se encerrado no Rio de Janeiro (ano de 2016). Como todos os estudantes que compuseram a pesquisa haviam concluido o Ensino Médio, se desvincluando formalmente de suas instituições escolares, não foi necessário realizar o trâmite relativo à Plataforma Brasil que respalda a pesquisa brasileira em instituições escolares.

movimento político e o acolhimento deste grupo de estudantes à sua transformação na estética lhe propiciaram este movimento de "pertencer" ao coletivo.

Na abordagem do tema "Criminalização da pobreza e juventude" numa das rodas de conversa realizada na Escola Estadual Luiz Carlos da Vila abordou-se o cerceamento dos jovens periféricos e negros a cidade do Rio de Janeiro . Nesta atividade pedagógica, determinados discursos dos estudantes expressos evidenciaram que a utilização do próprio uniforme escolar já os introduzia a condição de "suspeitos" em espaços como: ônibus, lojas de departamento e até mesmo espaços abertos na rua. Quando se evidenciou o fator "discriminação étnico racial", praticamente todos estudantes auto declarantes negros no espaço afirmaram ter sofrido racismo em alguma situação vivenciada. Fanon (1956) sinaliza em seus estudos que:

Estudar as questões de racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devamos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. Assim, há culturas com racismo e culturas sem racismo. (Fanon, p.36, 1956)

A temática acerca do racismo cotidiano assumiu dimensões extremamente sensíveis nas colocações dos estudantes da Escola Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila, localizada em Manguinhos. Este território geográfico é uma área do Rio de Janeiro em que concentra intensa militarização por parte da corporação policial. Neste mesmo momento da roda, os estudantes não só relataram terem sofrido discriminação por marcadores étnicos, territoriais e de classe como enfatizaram que eram recorrentes as rondas de viaturas policiais à instituição escolar, se configurando num traço do Estado de ações que operam junto à criminalização de escolas localizadas em favelas e áreas periféricas.

Estes elementos levantados na roda de conversa revelam o fortalecimento do projeto de Segurança Pública como estruturante a perspectiva de projeto de governabilidade de cidade, colocando em segundo plano o respeito à dignidade humana e produzindo um apagamento dos direitos respaldados no Estatuto da Criança e Adolescente juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Por fim, secundariza-se também a luta frente às políticas públicas voltadas para a educação e direitos da juventude.

Malaguti (2008) no seu artigo intitulado "A criminalização da juventude popular no Brasil: histórias e memórias de luta na cidade do Rio de Janeiro" ressalta o modos operandi de uma política de Estado no contexto histórico da cidade que

interpreta corpos de jovens pretos ou como perigosos sendo alvos de eliminação ou como desprovidos de sentido social, necessitando sempre se vincular a uma política assistencialista redentora:

Com as marcas dessa história da escravidão, e na fase atual de capitalismo neoliberal que a gente está vivendo, eu acho que são conjugadas duas estratégias contra a potência juvenil, uma é a estratégia do assistencialismo, da vitimização e da prevenção e a outra estratégia de criminalização e da repressão. Essas duas estratégias estão juntas, sempre querendo botar o menino popular na falta, no menos. Ou ele vai ser assistido pelo voluntariadoou por programas em que vigoraque vigora o bom mocismo das elites, onde aquela falta vai ser exacerbada o tempo todo, ou ele vai ser jogado pro extermínio, como disse o prefeito do Rio há pouco tempo: "Comigo não tem conversa, é prisão ou vala", quer dizer, essa é a estratégia para a juventude popular. Eu me lembro que há pouco tempo atrás tinha um anúncio do "O Globo" que era assim, uma assinatura social, com a imagem de um menino negro, com uma tarja preta, dizendo: "Ajude esse menino a não ir para o crime", como se essa fosse a tendência natural da juventude popular brasileira (MALAGUTI, 2008, p 21)

Estas origens históricas oriundas desde o processo de escravidão também assimila códigos de territorialidade, proveniente de um Estado Penal seletivo e desigual como evidenciado em diversos estudos da autora. Assim, a cidade do Rio de Janeiro apresenta um nível de segregação territorial decorrente do quantitativo de corpos negros que habitam determinados locais geográficos.

Neste, para além de um conjunto de reivindicações que foram debatidas pelo conjunto de estudantes nas ocupações de escola, esta luta política bem como as "Jornadas de Julho" disponibilizaram um canal de abertura de debates característicos da temática dos Direitos Humanos. Esta forma de organizar este movimento de maneira horizontal, aberta e plural nos espaços de participação política desdobrou a dimensão estética de diversas metodologias e construções de pensamento possível, a partir da ruptura da centralização de apenas algumas vozes diante de representações escolhidas.

CONCLUSÃO

Os movimentos políticos das "Jornadas de Junho" e as " Ocupações de escola" apresentaram similaridades políticas que se aproximam no desdobramento

das suas ações tais como respeito a autonomia, coletividade, descentralização de representações e mobilização pelas redes sociais. A metodologia de sua organização operativa e pedagógica apresentaram uma estética aberta, dialógica e plural diante de um modelo de instituição escolar padronizado, cartesiano e que desconsidera as múltiplas corporeidades e formas de pertencimento da juventude neste espaço.

Um elemento importante para a discussão deste estudo foram os debates levantados relativos nas rodas de conversa e oficinas relativas à pauta da negritude, sobretudo referente à estética da mulher negra em que o "tornar-se negro" é um processo de subjetivação interligado às questões referentes à transição capilar, utilização de turbantes ou adereços que conectem a formação destas identidades à cultura afro-brasileira.

No momento em que a ex ocupante ressalta: " *Eu comecei a me empoderar, me aceitar mais como mulher negra. Reconhecer minha beleza é por acesso a esses debates",* a mesma revela na sua fala a necessidade do cumprimento da Lei 10.639 nos currículos escolares bem como a necessidade de abertura de diálogo das gestões escolares frente à temática dos movimentos de negritude e positivação da estética negra no espaço escolar.

A corporeidade negra nos territórios do Rio de Janeiro também foi um elemento debatido numa das rodas de conversa realizadas no "Ocupa Compositor". Nesta ocasião, os alunos relataram o tratamento diário que o Estado policial estabelece nas relações com a juventude negra em territórios periféricos diante dos seus marcadores sociais étnicos e territoriais interpretados pela corporação policial.

Os atores sociais que compuseram o movimento de ocupações de escola possuíam determinada faixa etária compreendida em determinado período de escolarização enquanto que "junho" agregou uma diversidade de faixa etárias tal como indivíduos de inúmeros setores sociais ou espaços existentes na sociedade civil.

Este estudo procurou analisar o processo de resistência dos estudantes secundaristas diante do inédito movimento denominado "ocupações de escola", tendo como recorte empírico suas similaridades estéticas e políticas com as " Jornadas de Junho" e o debate acerca das corporeidades juvenis neste espaço.

RECEBIDO em 30/10/2025
APROVADO em 15/12/2025

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, L. RODRIGUES, C. M. **As Narrativas jornalísticas e midiativismo: estudo de caso sobre as rotinas de produção do coletivo Mídia Ninja.** Disponível em <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/viewFile/632/312>. Acesso em: 02 de Dez. 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BATISTA, Vera Malaguti. A criminalização da juventude popular no Brasil: histórias e memórias de luta na cidade do Rio de Janeiro. BIS – Boletim do Instituto de Saúde, v. 44, p. 19-22, abr. 2008.

Constituição Federal da República do Brasil, 1988.

CHAUÍ, M. **As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo.** Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2013/06/27/%EF%BB%BFas-manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 05deDez. 2019.

FANON, Frantz. **Em defesa da Revolução Africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1956

HARVEY, D.**A crise da urbanização planetária.**Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/01/10/david-harvey-a-crise-da-urbanizacao-planetaria/>. Acesso em: 05deDez. 2019.

NOGUERA, R. **Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista.** Revista da ABPN, v. 3, n. 6, p. 147-150, fev., 2012.

OCULTADO, OCULTADO,Tese de doutorado em OCULTADO -Universidade OCULTADO, Rio de Janeiro, 2020.

PINHEIRO, D. **Escolas ocupadas no rio de janeiro em 2016: motivações e cotidiano.***Iluminuras*, v. 18, n. 44. p p.265-283, jan/jul. 2017.

SANTO, Denise Espírito ; ARAUJO, Í. I. . Feminismos negros e ações estético- políticas na contemporaneidade. Revista Latino-Americana de Estudos Científicos, v. 2, p. 88-98, 2021.

SCHUCMAN, Lia. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 122 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Links utilizados:
APÓS quase 5 meses professores decidem suspender greve no Rj. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/apos-quase-5-meses-professores-decidem-suspender-greve-no-rj.html>. Acesso em: 07 Dez. 2019.

Música:

Emicida. AMARELO.São Paulo, (Sample: Sujeito de Sorte- Belchior)(part. Pablo Vittar e Majur), álbum " Amarelo",2019

Racionais MCs. A VIDA É DESAFIO. São Paulo, álbum"Nada como um dia após o outro",2002